

## O Espectador de dança: a questão do julgamento e do gosto

Isaira Maria Garcia de Oliveira

Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas – Instituto de Artes -UNICAMP

Doutorando em Artes – Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Cássia Alves de Castro

Atuação profissional Professora Universitária da Escola de Turismo e Hospitalidade - Universidade Anhembi Morumbi/SP

Resultado: O presente trabalho procura fazer uma investigação inicial sobre a questão do julgamento e do gosto dos espectadores de apresentações de dança, de um modo geral. Tenta verificar como se estabelece o julgamento e o gosto desse tipo de espectador, que ao assistir uma apresentação de dança, ora julga-a boa, ora julga-a ruim; ora gosta dessa apresentação e muitas vezes não consegue descrever o que exatamente gostou e ora a ignora, apresentando a mesma dificuldade em estabelecer sua recusa. Através de conceitos de Patrice Pavis e Pierre Bourdieu, faz-se um breve relato sobre a questão do julgamento, relacionando-o à estética do belo e à filosofia das belas artes; bem como apresenta-se a questão do gosto, relacionando-o à educação e as práticas culturais, ou mesmo até a origem social de cada espectador.

Palavras-chave: julgamento, gosto, espectador, dança, recepção

Para entender melhor o que é o julgamento e o gosto frente a uma obra de arte, ou frente a apresentação de um espetáculo de dança, buscou-se inicialmente seus conceitos, para diante deles analisar mais claramente como os espectadores recebem os espetáculos de dança. Por que o julgam bom ou ruim; porque gostam ou ignoram. Ou simplesmente, porque não conseguem descrevê-los.

Para Pavis (PAVIS p. 145: 2007), a questão do julgamento está diretamente relacionado à estética ou a ciência do belo e à filosofia das belas artes. É, por tanto, uma teoria geral que transcende as obras particulares e dedica-se a definir critérios de julgamento em matéria artística, e por tabela, o vínculo da obra com a realidade. Ela é assim levada a demarcar a noção de experiência estética: de onde provêm, pergunta-se ela, o prazer da contemplação, a catarse, o trágico e o cômico? Como apreender o espetáculo esteticamente e não em função do critério de verdade, de autenticidade ou de realismo?

Ou seja, para Pavis

“O gosto em seu sentido amplo – o de expectativa e de avaliação – é, em compensação, um dado essencial para apreciar a maneira pela qual o público recebe o espetáculo (...) ou percebe a encenação em função dos códigos, a forma, também, pela qual os gostos se modificam com o tempo e com as ideologias, como o bom e o mal gosto estão sujeitos a constantes.” (PAVIS p.188: 2007)

Por outro lado Bordieu afirma que a questão do gosto está relacionada à educação e as práticas culturais, e até mesmo, a origem social, pois:

“Contra a ideologia carismática segundo a qual os gostos, em matéria de cultura legítima – são considerados um dom da natureza, a observação científica mostra que as necessidades culturais são um produto da educação: a pesquisa estabelece que todas as práticas culturais (frequência dos museus, concertos, exposições, leituras, etc.) e as preferências em matéria de literatura, pintura ou música, estão estreitamente associadas ao nível de instrução (avaliado pelo diploma escolar ou pelo número de anos de estudo) e secundariamente, à origem social.” (BOURDIEU,2007 p.9)

Frente a essa realidade, o autor afirma ainda que exista uma hierarquia socialmente reconhecida das artes – e, no interior de cada uma delas - , dos gêneros, escolas ou épocas, corresponde a hierarquia social dos consumidores. Desse modo para ele: “a obra de arte (espetáculo de dança), só adquire sentido e só tem interesse para quem é dotado do código, segundo a qual ela é codificada.(...) O espectador desprovido do código específico sente-se submerso – “afogado” diante do que lhe parece ser um caos de sons e de ritmos, de cores e linhas (gestos), sem tom nem som.” (BOURDIEU,2007 p.10).

Logo, o espectador pode gostar ou não gostar desse universo onde é mergulhado; desde que não tenha ou não os códigos necessários, segundo o autor.

Para ele, a ciência do gosto e do consumo cultural começa por uma transgressão que nada tem de estético: de fato, ela deve abolir a fronteira sagrada que transforma a cultura legítima em um universo separado para descobrir as relações inteligíveis que unem “escolhas”, aparentemente, incomensuráveis, tais como as preferências em matéria de música e de cardápio, de pintura e de esporte, de literatura e de penteado. Esta reintegração bárbara do consumo estético no universo do consumo comum revoga a oposição – que, desde Kant, se encontra na origem da estética erudita – entre o “gosto dos sentidos” e o “gosto da reflexão”; e, entre o prazer “fácil”, prazer sensível reduzido a um prazer dos sentidos e o prazer “puro” que está predisposto a tornar-se um símbolo de excelência moral e a dimensão da capacidade de sublimação que define o homem verdadeiramente humano. A cultura que é produto desta divisão mágica tem valor de sagrado. (BOURDIEU,2007 p.13-14)

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVELAR, Rômulo. *O Avesso da cena: notas sobre Produção e Gestão cultural*. Belo Horizonte: Duo Editorial, 2008.

BORGÉA, Inês; FONTES, Flávia; NAVAS, Cássia (orgs.) *Na Dança*. Imprensa Oficial, 2006.

BOURCIER, Paul. *História da Dança no Ocidente*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: crítica social do julgamento*. Tradução: Daniela Kern e Guilherme J.F. Teixeira – São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

MONTEIRO, Marianna. *Noverre: Cartas sobre a dança*. Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 2006.

NAVAS, C. *Dança brasileira no final do século XX*. In: CUNHA, Newton (Org.). *Dicionário SESC: a linguagem da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

NAVAS, C. *Dança Brasileira no final do século XX*. In *Dicionário SESC: A Linguagem da Cultura*. Organização Newton Cunha. São Paulo: Perspectiva, 2003.

\_\_\_\_\_. *Interdisciplinaridade e intradisciplinaridade em Dança*. In *Seminários da Dança I – História em Movimento: biografias e registros em dança*. Joinville, Festival de Dança, 2008

NAVAS, C.; FONTES, F; BOGÉA, I. *Na Dança*. Imprensa Oficial, São Paulo, 2006.

OLIVEIRA, Isaira M.G. *Qual é a hora de aplaudir?* In: *Congresso da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas/ABRACE, Anais..2008 - Belo Horizonte, MG*.

PAVIS, Patrice. *Dicionário de Teatro*. Tradução J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira – 3ª edição – São Paulo: Perspectiva, 2007.

\_\_\_\_\_. *A Análise dos espetáculos: teatro, mímica, dança, dança-teatro, cinema*. 2ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2008.

PEREIRA, Roberto; MEYER, Sandra; NORA, Sigrid (org.). *Seminários da Dança – Histórias em movimento: biografias e registros em dança*. Caxias do Sul, RS, Lorigraf, 2008.

PEREIRA, Roberto. *A Formação do Balé Brasileiro*. Rio de Janeiro, FGV, 1998.